

Lição 3: O que deve ser tratado. Opiniões de Demócrito e Leucipo.

18. Após apresentar as opiniões dos filósofos antigos sobre a diferença entre geração e alteração, o Filósofo aqui começa a determinar sobre a geração e a alteração e os outros movimentos. Sobre isso ele faz duas coisas:

Primeiro, ele declara sua intenção;
Em segundo lugar, começa a executá-la, no [20].

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:
Primeiro, declara sua intenção;
Em segundo lugar, apresenta a razão de sua intenção, no [19].

Diz, portanto, primeiro [18] que, como os primeiros filósofos duvidavam sobre a diferença entre geração e alteração, é necessário falarmos de modo geral sobre geração e corrupção simples, ou seja, segundo a qual algo é dito ser gerado e corrompido absolutamente [simpliciter], e determinar se a geração absoluta existe ou não. Pois, para aqueles que afirmam que a geração difere da alteração, a geração absoluta não existe, mas não para os que negam a diferença entre elas. Além disso, se a geração absoluta existe, devemos explicar como. E as mesmas questões devem ser respondidas para os outros movimentos que de certa forma estão ordenados à geração simples, como a alteração e o crescimento, conforme foi dito acima.

19. Em seguida [19], ele atribui como razão de sua intenção o fato de que outros filósofos não trataram adequadamente desse assunto. E diz que Platão investigou apenas a questão de como a geração e a corrupção ocorrem nas coisas, mas, ao fazê-lo, limitou-se à geração dos elementos e não tratou de como a carne e os ossos ou qualquer um dos outros corpos mistos [i.e., compostos] são gerados. Além disso, negligenciou discutir como a alteração e o crescimento existem nas coisas. E, em geral, nenhum dos outros filósofos afirmou definitivamente algo além das coisas que aparecem na superfície — exceto Demócrito, que parece ter se preocupado em investigar diligentemente cada coisa. Mas a diferença fundamental está na investigação — ninguém o fez adequadamente. Pois nenhum deles, nem ele [Demócrito], nem qualquer outro, disse nada sobre o crescimento, quanto ao que era, que qualquer pessoa inculta não pudesse ter dito, ou seja, que o crescimento ocorre por algo semelhante ao ser original sendo adicionado a ele. Mas como algo é aumentado pela adição daquilo que é semelhante, eles não disseram. Tampouco disseram nada sobre misturas, nem sobre nenhuma das coisas semelhantes, por assim dizer — por exemplo,

sobre agir e ser afetado, ou seja, como, em termos de operação natural, isso age e aquilo é afetado.

20. Então, no [20], ele começa a executar seu plano.

Primeiro, determina sobre geração e alteração, já que devem ser estudadas juntas;

Em segundo lugar, sobre o crescimento (L. 11).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta as opiniões de outros sobre geração e alteração;

Em segundo lugar, decide sobre elas de acordo com sua própria opinião (L. 6).

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta a opinião de Demócrito, que se preocupava com tudo;

Em segundo lugar, examina a verdade de suas afirmações, no [22].

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, apresenta a opinião de Demócrito;

Em segundo lugar, expõe o argumento de Demócrito, no [21].

Diz, portanto, primeiro [20] que Demócrito e Leucipo, que constituíram os princípios das coisas a partir de corpos indivisíveis de formas infinitas, usaram-nos como causas de geração e alteração. Pois diziam que pela agregação e separação de tais corpos figurados causavam-se geração e corrupção; enquanto era por uma mudança na ordem e posição dos referidos corpos que a alteração era causada.

21. Em seguida [21], ele apresenta a razão para a posição mencionada. E para melhor compreendê-la, deve-se notar que, como o Filósofo diz na Metafísica IV, alguns dos primeiros filósofos fizeram a verdade estar na maneira como as coisas aparecem, ou seja, assim como uma coisa aparecia a alguém, assim era sua verdade — a ponto de sustentarem que os contraditórios são simultaneamente verdadeiros, se ambos os lados parecem assim a pessoas diferentes.

Assim, o que o Filósofo diz é que, como Demócrito e Leucipo supuseram que o verdadeiro consiste na aparência, e que coisas contrárias e infinitas aparecem a homens diferentes, conforme indica a variedade de opiniões entre os homens, eles foram levados a postular formas infinitas nos primeiros princípios das coisas, a fim de terem uma explicação para essas opiniões infinitas. Consequentemente, qualquer variação que afete algo que contribui para a composição de um todo resulta no mesmo aparecendo de um modo para um e de modo contrário para outro — assim como, de diferentes pontos de vista, a cor do pescoço de uma pomba parece variar. Tal mudança de posição ou ordem deve-se a algo leve que intervém. De fato, para afirmar de modo geral, à medida que um desses corpos indivisíveis muda [sua posição e ordem], a aparência de uma coisa muda.

Ele dá um exemplo disso nas palavras, cujos primeiros princípios indivisíveis são as letras: usando as mesmas letras e meramente variando sua ordem e posição, produzem-se diferentes composições verbais, por exemplo, uma comédia, que trata de coisas prazerosas, e uma tragédia, que trata de guerras. Esta é, então, a razão pela qual Demócrito sustentou que a alteração é causada por uma variação de ordem e posição.

22. Em seguida [22] ele investiga a verdade dessa opinião. Primeiro, mostra as dificuldades inerentes a tal investigação; Em segundo lugar, começa a inquirir a verdade, a partir de 23.

Diz, portanto, primeiro [22] que, a essa altura, as opiniões dos primeiros filósofos naturais, que identificavam geração e alteração, estavam quase totalmente abolidas, e quase todos pareciam concordar que a geração é diferente da alteração (a geração e a corrupção derivando da associação e desassociação, enquanto a alteração surgia quando, por uma mudança de certas coisas, paixões diversas eram causadas). Deve-se, então, considerar essas questões para chegar à verdade. Mas elas envolvem muitos problemas, e que desafiam a razão. Pois, se a geração não é nada mais que associação, muitas impossibilidades se seguem, como ficará claro adiante. Por outro lado, encontram-se outros argumentos, que parecem cogentes e não fáceis de responder, para sustentar que a geração não é diferente da associação, concluindo que, se a geração não é admitida como associação, então ou não há geração alguma, ou, se há, é idêntica à alteração. Embora seja difícil resolver esse problema, devemos tentá-lo.

23. Então [23] ele procede a resolver a dificuldade. Primeiro, prefacia duas questões que são necessárias para resolver a dificuldade mencionada; Em segundo lugar, aborda-as, a partir de 24.

Diz, portanto, primeiro [23] que o ponto de partida para resolver tudo o que foi dito deve ser, antes de tudo, uma investigação sobre se os seres naturais são gerados e alterados e aumentados e movidos por movimentos contrários, de modo a exigir certas magnitudes primárias indivisíveis; ou se não há magnitude indivisível. A resposta a isso é da maior importância. Em segundo lugar, deve-se inquirir se, havendo magnitudes indivisíveis, elas são corpos, como queriam Demócrito e Leucipo, ou são "planos", i.e., superfícies, como Platão estabeleceu no *Timeu*.

24. Então, em [24] ele persegue as questões acima. Primeiro, persegue a segunda, que aborda mais brevemente; Em segundo lugar, enfrenta a primeira (L. 4).

Quanto à primeira, ele faz duas coisas: Primeiro, mostra que, no que diz respeito à ciência natural, a posição de Demócrito é mais adequada que a de Platão; Em segundo lugar, explica por quê, a partir de 25.

Diz, portanto, primeiro [24] que, como foi dito no *Sobre o Céu* III, resolver corpos em superfícies é inadequado até mesmo em si. Consequentemente, é mais razoável, se houver certas magnitudes indivisíveis das quais os corpos naturais são compostos, que essas magnitudes sejam corpos em vez de superfícies — embora isso também envolva grande irracionalidade, a saber, que existam certos corpos indivisíveis, dos quais os corpos naturais seriam compostos, como foi mostrado em parte no livro *Sobre o Céu* e será mostrado em parte adiante. No entanto, é mais razoável postular corpos indivisíveis do que superfícies, porque aqueles que postulam corpos indivisíveis como princípios dos corpos naturais atribuem uma causa para a geração e alteração, a qual alteração, como foi dito, transmuta uma mesma coisa por uma certa "virada" dos corpos indivisíveis e por algum modo de contato segundo diferentes posições e ordens, e também segundo uma diferença de formas, como Demócrito postulou ao atribuir a causa da alteração. Daí Demócrito ter postulado que a cor e outras qualidades naturais não são algo com existência fixa na natureza, mas que uma coisa parece ser colorida através de uma certa "virada", i.e., através de uma certa variação dos corpos indivisíveis segundo ordem e posição. Pois é evidente que certas coisas nos aparecem cuja

aparência é produzida por algum tipo de reflexão segundo uma certa ordem e posição — por exemplo, a forma que aparece num espelho, ou as cores de um arco-íris, e assim por diante. Demócrito supunha que todas as formas e qualidades das coisas naturais eram dessa natureza. Segundo isso e à luz de seus princípios, ele explicava toda variedade de alteração em termos de diferenças de posição e ordem.

Mas os platônicos, que resolviam os corpos em planos, eram incapazes de atribuir uma causa para qualquer mudança de forma, pois quando os planos são unidos uns aos outros, nada além de sólidos pode razoavelmente resultar. Visto que pontos, linhas e planos puros são coisas matemáticas, não podem por si mesmos causar qualquer qualidade natural. Consequentemente, assim como de pontos resulta apenas uma linha e de linhas uma superfície, assim de superfícies a única coisa que pode ser causada é um corpo. Mas nem mesmo os platônicos tentam explicar, por uma mistura de superfícies, a causa de qualquer qualidade natural.

25. Então [25] ele mostra por que Platão falhou mais que Demócrito nessa questão. E diz que a razão pela qual Platão não pôde ver as coisas "confessas", i.e., coisas óbvias a todos, foi a falta de experiência; pois, estando atento à especulação, não voltou sua atenção para as coisas sensíveis, que são a base da experiência. Consequentemente, os filósofos que prestaram mais atenção às coisas sensíveis e naturais foram mais capazes de descobrir princípios aos quais poderiam adaptar muitos fatos da observação sensível. Mas os platônicos, que eram indoutos com respeito aos "existentes", i.e., coisas naturais e sensíveis, e consideravam apenas as poucas coisas sensíveis que surgiam em seu caminho, a partir de muitos "discursos" ou argumentos, i.e., a partir de muitas coisas que consideravam pela razão em um plano universal, "facilmente enunciam", i.e., oferecem um juízo sobre coisas sensíveis sem um exame diligente.

O assunto em questão nos oferece uma oportunidade de considerar a diferença entre buscar a verdade "fisicamente", i.e., naturalmente, examinando as coisas naturais, como fez Demócrito, e buscá-la "logicamente", i.e., pela razão, atentando-se às razões comuns, como fizeram os platônicos. Pois, para provar que algumas magnitudes são indivisíveis, os platônicos, procedendo "logicamente", dizem que, do contrário, seguir-se-ia que o "autotrígono", i.e., o "triângulo por si mesmo", isto é, a ideia de triângulo, seria múltiplo, i.e., dividido em muitos triângulos, o que é inadmissível. Pois Platão postulou que, de todas as coisas sensíveis, havia certas "ideias" separadas, por exemplo, de homem e cavalo e assim por diante. Essas ideias ele chamou de "homem por si" e "cavalo por si", uma vez que, logicamente falando, o homem, como espécie, é algo além dos princípios materiais e individuais, e assim, a "ideia" não contém nada além do que pertence à noção da espécie. E pela mesma razão, ele postulou isso nas figuras. Assim, ele postulou que a "ideia" dos triângulos sensíveis, aqui chamada de "autotrígono", é indivisível — do contrário, seguir-se-ia que ela seria dividida em muitas, o que é contrário à noção de ideia, que exige que ela seja uma existindo fora da multiplicidade. Assim, não é inaceitável que haja muitas superfícies triangulares indivisíveis em conformidade com a ideia; e o mesmo vale para outras superfícies.

Mas vê-se que Demócrito argumenta em favor de magnitudes indivisíveis usando razões próprias e naturais, como ficará claro no que se segue.